

O Empregado Comercial

ORGAO DOS TRABALHADORES NO COMERCIO

Quinzenário filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE SAMPAIO BRUNO, 12-4.º ANDAR
Composto e Impresso nas OFICINAS GRÁFICAS
da COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, Lda
Rua da Boavista, 307—PORTO

DIRECTOR E EDITOR: ERNESTO LARETH
ADMINISTRAÇÃO REDACÇÃO
Américo Rodrigues (ADMINISTRADOR) Camilo A. Teixeira (REDACTOR)
Mário Ferreira (SECRETÁRIO) Carlos Viana (SECRETÁRIO)

Propriedade do «Grupo Editor de O Empregado Comercial»
(EM ORGANIZAÇÃO)

Assinaturas pagas adiantadamente:
Série de 6 números 3\$00
Publicados ou não, os originais não se restituem

SIMBOLISMOS

A Rússia que depois da sua Revolução tinha proibido o uso de uniformes, só os consentindo no «exército vermelho», acaba de decretar, que a partir de Setembro próximo, todos os estudantes se fardem.

Na Itália toda a gente se farda de «camisa preta» para evitar conflitos, no ambiente de liberdade que por lá reina.

A Alemanha é um autentico armazem de fardas, fardinhas e fardetas de todas as espécies, umas sem cruzes e outras com cruzes «gamadas»...

Por cá, a «cruz de cristo» que embora não fosse gamada, é herdada dos nossos maiores, vai servir de bracelete das «camisas azuis» que se propõe aparecer qualquer dia nas ruas em trajes menores.

E nós? Não há um camarada que dê uma ideia sobre o símbolo que devemos adotar?

Uma cilhasinha, com furos até á ponta, para bem arrochar os nossos estômagos, não seria de bom gosto e melhor propriedade?

MAIS UMA...

Inicia-se hoje por todo o paiz mais uma «Semana contra a tuberculose». Nela estão interessados elementos de todos os ramos sociais, políticos e religiosos. Os párcos receberam ordens para lerem á hora da missa, uma exortação aos fieis incitando-os a dispensarem o seu apoio á cruzada contra a temível doença.

Tudo isto seria de louvar se fosse feito no intuito de evitar a tuberculose. Nós não regateariamos, nesse caso, o nosso modesto mas sincero aplauso. Parece, porem, que as causas da tuberculose—má higiene e má alimentação—não se combatem com sanatórios.

Para evitar as 13.000 mortes causadas pela tuberculose, anualmente, no paiz, seria necessário que os trabalhadores (os mais vitimados) tivessem ordenados que lhes garantissem: boa alimentação, boa habitação e por consequencia boa higiene. Tudo que não vise este fim é panaceia, é desperdício, é suicídio.



CAÇADORES DE FERAS

Na Checo-Eslovaquia, noticiam os jornais, 518 mineiros declararam a greve da fome, como protesto contra os donos de umas minas, que ameaçaram despedir parte do seu pessoal.

Aqueles nossos camaradas, certos de que iam ser vitimas da fome, quando sem trabalho, recusaram sair da mina e lá ficaram á espera que a morte os libertasse da tirania de interesses, que a medida dos seus patrões representa.

Não acreditamos, porém, que a mina vai ser o seu tumulo. O remorso—esse caçador de feras—como dizia Junqueiro, há-de necessariamente bater á porta da consciencia dos magnates da tal empresa, por mais cinicos que eles sejam... Nós somos ainda dos puros que acreditam, que pela calada da noite, muitos dos nossos patrões, hão-de sentir nos timpanos a vibração incessante dos nossos brados de revolta, pela tirania a que nos sujeitam...

Temos disso a mais eviçente certeza. Olá se temos!...

MAIS VALE SÓ...

O nosso jornal não pode, decerto, agradecer aqueles que vêm no futebol, a razão máxima da sua existencia.

Não agrada positivamente, aos «meninos do côro» que em Braga e noutras terras do paiz, preferem solidarizar-se com os reacionários, que lhes oferecem delicias... no ceu, em vez de se unirem aos seus camaradas, para procurarem uma maior soma de bem-estar neste mundo.

E' odiado certamente pelos neo-revolucionários, de trazer por casa... em camisa, porque aqui não se distinguem camaradas—nem pela côr, nem pelo sexo, nem pela nacionalidade, nem pela tendencia, grupo, seita, «panelinha» etc., etc.

Entendemos que todos são eguaes e que sofrendo os mesmos males, têm o dever de procurar juntos o remédio que os salve.

Julgamos estar na boa doutrina.

Porisso contamos que todos os camaradas conscientes nos auxiliem, não precisando mais do que da sua colaboração e envio de novos e seguros assinantes.

CONFIEMOS

Depois de algumas horas de trabalho nos serviços de redacção, noite alta já, vamos, á pressa, escrever este artigo para o número do dia 1.º de Maio, que daqui a 48 horas será enviado para o correio com destino aos nossos assinantes.

De supôr seria que as nossas palavras fossem de entusiasmo, despertadas por uma espontânea alegria, ritmicamente desabrochando de encontro aos anseios esperançosos da massa trabalhadora.

De desejar seria que pudéssemos afirmar aqui, com certeza anticipada, que as organizações operárias em Portugal, não deixariam passar o dia 1.º de Maio, sem aquelas manifestações altas de consciencia, iniludiveis na afirmação duma segura compreensão do significado que, para nós, trabalhadores, essa data encerra em si.

Afluindo aos seus sindicatos, todos os trabalhadores deviam, neste dia, numa intima comunhão de pensamentos e de ideais, ir lá robustecer-se das energias precisas para, heroicamente, enfrentar a violência cruciante com que a vida nos chicoteia.

A nossa presença nos Sindicatos seria como que, tão só por si,

a afirmação eloquente da nossa consciencia proletária, que necessário se torna vincar, neste momento de confusãoismo que se pretende lançar nos nossos arraiais. Seria lá que todos, numa evocação sentida nas lutas em prol das reivindicações proletárias, prestaríamos a homenagem da nossa solidariedade a todos os camaradas que têm sabido sofrer, lutando pelo triunfo das nossas aspirações. E áqueles que, baralhando as cartas de moderníssimas teorias (?) nacionais sindicalistas, andam por aí, no intuito acintoso de nós meter bluff, afirmariamos assim, que não esquecemos ainda o caminho dos nossos Sindicatos, onde a nossa voz se ouve.

Contudo, isto não se dará.

Os sindicatos, na sua maioria desguarnecidos de fortes efectivos sindicais não terão, neste dia, ao menos, grande concorrência.

Aqui e além usará da palavra um ou outro militante. Duma forma geral, porém, o dia 1.º de Maio passará, perante as massas trabalhadoras como sendo outro qualquer dia.